

**RELAÇÕES INTERPESSOAIS POSITIVAS E HABILIDADES SOCIAIS COM
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO: Promovendo a saúde mental e a cultura de paz
nas escolas**

Vanessa Barbosa Romera Leme¹

Adriana Pinheiro Serqueira²

Aline Lopes Moreira³

Giulia Nantes Pacheco⁴

Yasmin Tonelli da Silva Costa⁵

RESUMO: O presente estudo teve por objetivo analisar oficinas realizadas com profissionais da educação para promover relações interpessoais positivas e habilidades sociais, visando reflexões e ações para o enfrentamento às violências interpessoais e autoprovocadas, favorecendo a promoção de saúde mental e cultura de paz nas escolas. Participaram 225 profissionais de educação que acompanham, orientam e direcionam as equipes escolares da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. São descritas e analisadas quatro oficinas realizadas de modo on-line e baseadas na promoção das habilidades sociais, com o foco em questões como bullying, racismo, LGBTfobia, gordofobia e as violências autoprovocadas. Os profissionais da educação responderam aos instrumentos: Formulário de inscrição e avaliação de necessidades; Ficha de avaliação; Lista de presença. Os resultados evidenciaram ganhos no autoconhecimento e pensamento crítico, expansão no repertório de habilidades sociais, alta taxa de participação e satisfação com as atividades propostas. Destacou-se a necessidade de ampliação de espaços de diálogo sobre temáticas que causam sofrimento psíquico e danos à saúde mental em espaços educativos. Os dados contribuirão para fomentar futuras intervenções com essa população, além de políticas públicas e estratégias para promoção da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Escola; Prevenção; Violências

¹ Doutora em Psicologia e Professora no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, CEP: 24030-060, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Telefone: (21) 2334-0000, 10º andar, BL F – 10.005. E-mail: vanessaromera@gmail.com.

² Doutora em Psicologia e Pós-doc no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, CEP: 24030-060, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Telefone: (21) 2334-0000, 10º andar, BL F – 10.005. E-mail: professoradrianaserqueira@gmail.com.

³ Doutora em Psicologia e Pós-doc no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, CEP: 24030-060, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Telefone: (21) 2334-0000, 10º andar, BL F – 10.005. E-mail: alinelopsmoreira@gmail.com.

⁴ Graduanda em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, CEP: 24030-060, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Telefone: (21) 2334-0000, 10º andar, BL F – 10.005. E-mail: contatonantesguilia@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, CEP: 24030-060, Maracanã, Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Telefone: (21) 2334-0000, 10º andar, BL F – 10.005. E-mail: tonelliyasmin.13@gmail.com.

ABSTRACT: The present study aimed to analyze workshops conducted with education professionals to promote positive interpersonal relationships and social skills, fostering reflections and actions to address interpersonal and self-inflicted violence, thereby promoting mental health and a culture of peace in schools. The study involved 225 education professionals who monitor, guide, and direct school teams from the State Department of Education of Rio de Janeiro. Four online workshops were presented and analyzed, based on the promotion of social skills and focusing on issues such as bullying, racism, LGBTphobia, fatphobia, and self-inflicted violence. The education professionals responded to the following instruments: registration and needs assessment form, evaluation sheet, and attendance list. The results showed gains in self-awareness and critical thinking, an expansion in the participants' repertoire of social skills, a high participation rate, and satisfaction with the proposed activities. The need to expand dialogue spaces on topics that cause psychological distress and harm mental health in educational spaces was highlighted. The data will contribute to fostering actions in future interventions with this population, as well as public policies and strategies for health promotion.

KEY-WORDS: School; Prevention; Violence

1. INTRODUÇÃO

A educação pública brasileira enfrenta desafios complexos que se manifestam desde as políticas educacionais até o cotidiano escolar, impactando os processos de ensino-aprendizagem e a saúde mental da comunidade escolar. Problemas como estruturas físicas precárias, falta de recursos e violência interpessoal são comuns, exacerbados pela insuficiente formação de professores. Essas adversidades dificultam a motivação docente, comprometendo a eficácia das práticas pedagógicas e os processos de ensino e aprendizagem (BOFF; ZULIANELO, 2021; IVENICKI, 2019; SERQUEIRA *et al.*, 2022).

De acordo com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, no ano de 2023, o número de denúncias associadas à violência nas escolas atingiu um crescimento de 50% se comparado às ocorrências registradas no ano anterior, cerca de 3.230 casos a mais que em 2022 (MDHC, 2023). Soma-se a isso, os dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos mostram que, ao final de 2023, entre as 20.605 violações escolares registradas, mais de 1.000 tiveram docentes enquanto vítimas das chamadas violências interpessoais – tipos de agressões físicas, verbais e/ou psicológicas destinadas a uma outra pessoa (ONDH, 2023). Nessa direção, um estudo longitudinal realizado com crianças e adolescentes vítimas de bullying e cyberbullying (ataques presenciais e/ou virtuais), constatou-se que os adoecimentos psicológicos e sociais adversos, tais como depressão, ansiedade, ideação suicida, automutilação, precarização das funções acadêmicas, entre outros, estão majoritariamente relacionados a maiores exposições a violências, com caráter de

intimidação sistemática no contexto escolar (WANG *et al.*, 2022). O bullying contra pessoas LGBTQIA+ manifesta-se nas escolas de diversas formas, incluindo difamação, insultos, agressões físicas e assédio (ARAÚJO *et al.*, 2021). Como resultado, esse grupo frequentemente enfrenta a negação de seus direitos sociais, o que torna a experiência no ambiente escolar marcada por exclusão e perseguição (ARAÚJO *et al.*, 2021). Pesquisas revelam ainda que a gordofobia (preconceito com pessoas com sobrepeso) é um fenômeno crescente nas escolas, afetando as interações e o bem-estar dos alunos (NERIM; MIRANDA, 2023). Então, os indivíduos que não atendem ao padrão de magreza prestigiado, tornam-se alvo de discriminações, podendo sofrer apelidos ofensivos, exclusão e/ou agressões, que favorecem a desmotivação dos alunos quanto à realização pessoal e à vida acadêmica (SOUZA; GONÇALVES, 2022). Logo, observa-se a violência enquanto parte persistente do contexto escolar brasileiro, contribuindo, assim, para a construção de uma realidade hostil e academicamente desmotivadora, que deve ser foco de intervenções e políticas públicas de enfrentamento a tais violências.

O presente estudo baseia-se no campo teórico-prático das habilidades sociais, que apresenta uma base conceitual e constitui-se em classes específicas de comportamentos presentes no acervo emocional de um indivíduo que lhe permite lidar de forma competente com as demandas e situações interpessoais cotidianas, colaborando no desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e produtivos com as demais pessoas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2022). Nessa perspectiva, ensinar habilidades socioemocionais aos profissionais da educação em geral e, principalmente aos professores, pode promover a elaboração de práticas pedagógicas assertivas a fim de aprimorar a aprendizagem acadêmica e a qualidade das relações interpessoais na escola, contribuindo para um ambiente relacional mais positivo (ROSIN-PINOLA *et al.*, 2017; SERQUEIRA *et al.*, 2022).

Nesse sentido, Ferreira et al. (2016) ao realizarem um projeto de intervenção para desenvolver habilidades sociais com 30 alunos do ensino fundamental e seus professores ratificam que o repertório apresentado dessas habilidades está relacionado com ajustamento psicossocial, qualidade de vida e competência acadêmica, sendo considerado como fator de proteção. Outro estudo de pesquisa-intervenção (CINTRA; DEL PRETTE, 2019) com 11 professores do ensino fundamental, que participaram de um programa presencial de formação continuada em habilidades sociais evidenciou a importância de os

professores aprenderem competências não acadêmicas. O programa apresentou evidências de efetividade no que se refere aos conhecimentos adquiridos e ao desempenho dos participantes, nomeadamente nas habilidades de assertividade e auto exposição social. Como implicação, torna-se essencial instruir os profissionais de educação para lidarem com situações de enfrentamento de problemas que ocorrem frequentemente no cotidiano da escola, oferecer treinamento com foco no desenvolvimento de melhores relações interpessoais e habilidades sociais, assumindo o caráter social do processo de ensino aprendizagem (CINTRA; DEL PRETTE, 2019; SERQUEIRA *et al.*, 2022).

A relação saúde mental e qualidade de vida do professor foi verificada por Fernandes e Silva (2023), em pesquisa realizada em uma escola pública situada no estado de Pernambuco. Destacou-se que as principais queixas dos docentes em relação ao seu trabalho, foram majoritariamente associadas às violências que experienciaram nas escolas. Notou-se que o cenário violento possui relação com as dificuldades psicológicas vividas pelos professores, sendo, em muitos casos, capazes de inviabilizar o exercício da docência, em detrimento da gravidade de suas condições, isto é, muitos profissionais são levados ao afastamento laboral e até mesmo a aposentadorias precoces, em virtude de suas necessidades médico-psíquicas (FERNANDES; SILVA, 2023). Além disso, em outro estudo (SHELLEY *et al.*, 2009) realizado pela James Cook University, mostrou que dos 201 professores que participaram da pesquisa, apenas 15% foram capazes de reconhecer adequadamente situações de alto risco relacionadas ao suicídio de jovens. Por mais que a pontuação média dos professores fosse satisfatória (69% de acertos), quando as perguntas eram específicas sobre reconhecer cenários de alto risco de suicídio, a pontuação decaiu. Sendo assim, mostra-se como é importante ter formações regulares e políticas públicas que possibilitem aos professores manejar e encaminhar ações de prevenção do suicídio.

O suicídio é tido como uma questão de saúde pública mundial de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019). Dados do relatório *Suicide worldwide in 2019*, da OMS, afirmam que o suicídio continua sendo uma das principais causas de morte no mundo. No Brasil, a taxa de suicídio entre jovens aumentou 6% entre os anos de 2011 e 2022 e as notificações de autolesão na faixa etária de 10 a 24 anos aumentaram 29% a cada ano durante o mesmo período, segundo os dados publicados na *The Lancet Regional Health – Américas* (ALVES *et al.*, 2023). Um estudo no Brasil revelou que, embora os professores identifiquem sinais de risco para o comportamento suicida em adolescentes, como isolamento, instabilidade emocional e automutilação, eles se sentem despreparados para

lidar com essas situações, frequentemente vivenciando insegurança e impotência (SOJA SANTOS et al., 2022). Em outra pesquisa nacional, aplicada em escolas sul-mato-grossenses, utilizando-se do inventário de habilidades sociais, a fim de medir os níveis de sociabilização, depressão e comportamento suicida entre adolescentes com idades de 15 a 17 anos, os resultados indicam que de 100% da amostra, 75% obteve dificuldades no repertório socioemocional supracitado, 60% apresentou algum indício de depressão moderada e/ou grave e cerca de 55% dos alunos manifestou desde a ideação suicida ao desejo de autoextermínio (CARNEIRO; LIMA, 2022). Esses resultados evidenciam a necessidade de capacitação dos professores para identificar e intervir adequadamente em situações de risco suicida, garantindo um ambiente escolar mais seguro e acolhedor para os adolescentes.

A construção de uma educação pacifista é fundamental para a preparação dos educadores, promovendo formações continuadas que apoiem todos os envolvidos na dinâmica escolar (ABREU, 2023; OLIVEIRA *et al.*, 2024). Essas formações, ao focarem na resolução de conflitos, escuta ativa e comunicação não-violenta, traduzem a cultura de paz em práticas concretas, fortalecendo o desenvolvimento saudável nas escolas. Apesar disso, a literatura revela uma carência de estudos empíricos sobre práticas pedagógicas que melhorem as relações interpessoais e habilidades sociais dos profissionais da educação (ABREU, 2023; SERQUEIRA *et al.*, 2022). Do mesmo modo, os resultados de uma revisão sistemática de literatura sobre habilidades sociais educativas no Brasil identificaram dentre 45 artigos capturados que apenas cinco tinham como participantes professores e alunos (VIERA-SANTOS *et al.*, 2018). Além disso, pesquisas tem evidenciado que o desenvolvimento de habilidades sociais pode ser um caminho para promoção de saúde mental e prevenção do suicídio (FEITOSA, 2014; BORTOLATTO *et al.*, 2021; LEME *et al.*, 2019). Portanto, este estudo, de caráter qualitativo, teve por objetivo analisar oficinas realizadas com profissionais da educação para promover relações interpessoais positivas e habilidades sociais, visando reflexões e ações para o enfrentamento às violências interpessoais e autoprovocadas, favorecendo a promoção de saúde mental e cultura de paz nas escolas.

2. MÉTODO

Participantes

O presente estudo configura-se com uma abordagem qualitativa-quantitativa e exploratória. Participaram 225 profissionais da educação com idades entre 22 e 73 anos ($M=51,01$; $DP=7,78$), que acompanham, orientam e direcionam as equipes escolares da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC). No que se refere à função exercida pelos profissionais, a maior parte exercia a função de Agente de Acompanhamento da Gestão Escolar (AAGE) ($n=161$; 71,6%), Membro de Equipe da Diretoria Regional Pedagógica ($n=20$; 8,9%), Equipe técnica-pedagógica ($n=11$; 4,9%), Acompanhamento da Frequência Escolar (RAF) Regional ($n=11$; 4,9%), Coordenador de Ensino ($n=4$; 1,8%), Diretor Regional Pedagógico ($n=4$; 1,8%), Coordenador de Avaliação ($n=3$; 1,3%), Coordenador de Gestão de Integração da Rede ($n=2$; 0,9%). Nove profissionais exerciam outras funções não listadas ($n=9$; 2,4%).

Instrumentos

Formulário de inscrição e avaliação de necessidades. Desenvolvido para o presente estudo, o instrumento foi elaborado no *Google Forms* e é estruturado em três partes. A primeira delas é composta por nove questões que investigam informações referentes à função e ao contexto laboral dos participantes e questões referentes às informações pessoais (Questões 1 ao 9), tais como, nome completo, idade, e-mail, matrícula do servidor, função, cargo e unidade escolar. A segunda parte do instrumento refere-se à percepção dos profissionais sobre as práticas de promoção de saúde mental e cultura da paz nas escolas (Questões 10 e 11). Já a terceira e última parte (Questões 12 e 13) compõe as questões referentes à avaliação de necessidades, que inquiram as dificuldades enfrentadas pelos profissionais e os temas de interesse que na visão deles que poderiam ser desenvolvidos nas oficinas.

Ficha de avaliação da oficina. Questionário desenvolvido para o presente estudo com três perguntas qualitativas para a avaliação das percepções dos participantes durante a oficina. As perguntas são: (1) Eu gostei de; (2) Da próxima vez eu acho que vocês deveriam; (3) A partir do que aprendi eu vou.

Lista de presença. Formulário elaborado pelo *Google Forms* para avaliar a presença dos inscritos em cada um dos dias das oficinas. Solicitava o nome e a matrícula do servidor.

Procedimentos

Coleta de dados. A presente pesquisa procurou por meio de seus instrumentos e procedimentos, assegurar a integridade física e moral dos participantes, abrangendo os aspectos éticos considerados essenciais em pesquisas com seres humanos pela Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ (CAAE ocultado). Inicialmente a Coordenadoria de Gestão Intersetorial (COOGIN) da SEEDUC entrou em contato com a primeira autora do artigo para compor ações na Campanha do Setembro Amarelo da SEEDUC. A participação consistiu no desenvolvimento de oficinas para profissionais da educação, visando o enfrentamento de episódios de bullying/cyberbullying, preconceitos e discriminações, que estão no cerne das violências que ocorrem no contexto escolar, favorecendo a promoção de saúde mental e de cultura de paz. A divulgação das oficinas e da ficha virtual de inscrição foi realizada por meio da COOGIN, em correspondência interna, no início de agosto de 2023, para toda a Rede Pública Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. Em posse das inscrições e das informações referentes às necessidades e temas informados pelos participantes, foram realizados dois encontros entre a primeira autora, seu grupo de pesquisa e a equipe da COOGIN, para elaborar os conteúdos e temáticas de cada oficina. Assim, foram realizadas quatro oficinas, nos meses de agosto e setembro de 2023, no formato *online*, por meio da plataforma Microsoft Teams, com duração média de três horas. As atividades foram conduzidas por dois ou três facilitadores (discentes da pós-graduação) e cofacilitadoras (estudantes da graduação), com experiência na condução de grupos. Também compuseram as atividades, os profissionais de psicologia e serviço social da equipe multidisciplinar da COOGIN/SEEDUC. Antes de iniciar as oficinas, os participantes respondiam uma lista de presença num documento do *Google Forms* e, ao, final, respondiam à Avaliação do Impacto Imediato da Sessão, também disponível num formulário *online* do *Google Forms*. A seguir são descritos os objetivos de cada oficina: **Oficina 1** - O trabalho da Cultura de Paz frente às violências interpessoais nas escolas - o foco foi promover reflexões necessárias no combate às violências interpessoais, bullying, cyberbullying e violências autoprovocadas por meio da cultura da paz e apresentar conceitos centrais do campo teórico-prático das habilidades sociais. Destacou como a cultura da paz nas escolas pode forjar valores e atitudes preventivas às situações de risco entre alunos, professores e demais

atores do contexto escolar; **Oficina 2** - Nossas escolas estão aptas a lidar com as individualidades? Trabalhando emoções e desenvolvendo empatia no ambiente escolar - abordou temas relativos a observar, prestar atenção, ouvir e demonstrar interesse pelo outro, reconhecer/inferir emoções e sentimentos próprios e do outro, compreender a situação (assumir perspectiva), demonstrar respeito às diferenças, expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro. Refletiu-se sobre como ser empático pode ajudar nas relações do contexto escolar; **Oficina 3** - Discutindo Preconceitos e Discriminação nas escolas - foram apresentadas diferentes formas de preconceitos, discriminação de gênero e LGBTQIA+ nas escolas. Focou a importância das habilidades sociais assertivas para situações de enfrentamento ou risco frente a essas situações de violência e discriminação; **Oficina 4** - Como as Habilidades Sociais podem auxiliar dentro do contexto escolar? O manejo de conflitos e a resolução de problemas interpessoais - promoveu diálogos sobre capacitismo e gordofobia, mostrando que a cultura de paz junto a princípios norteadores para resolução de problemas pode ajudar no combate dessas violências nas escolas.

Os procedimentos de ensino adotados nas oficinas foram a utilização de músicas e vídeos relacionados ao tema desenvolvido no dia do encontro (por exemplo, Dias melhores, do Jota Quest), exposição dialogada, leituras e discussões dos comentários no Chat e discussões de estudos de caso. Em relação a esse último procedimento, essa atividade visou favorecer discussões e reflexões vinculadas ao caso apresentado para que os participantes pudessem relacioná-los à sua prática laboral. Ou seja, por meio do exemplo do estudo de caso, promoveu-se o fortalecimento nas próprias capacidades do grupo escolar em organizar e realizar ações por meio das habilidades sociais, como por exemplo, empatia, expressão de solidariedade, manejo de conflitos e resolução de problemas interpessoais. Por fim, na última oficina, duas escolas apresentaram ao final suas experiências positivas adotadas em suas unidades de ensino no enfrentamento às violências interpessoais e autoprovocadas.

Análise de dados. Os dados obtidos no Formulário de inscrição e avaliação de necessidades (Questões 10, 11, 12, 13) e as respostas das perguntas abertas da Ficha de avaliação da oficina foram analisados por meio do software IRAMUTEQ (Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Nas análises, realizou-se o procedimento de nuvem de palavras, que mostra a representação gráfica, em função da frequência das palavras, na qual as palavras mais significativas no relato dos

participantes ficam enfatizadas na imagem. As respostas dos participantes obtidas no formulário foram investigadas em sua íntegra, sendo realizada a análise de conteúdo geral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Avaliação de necessidades para a implementação das oficinas

A avaliação de necessidades busca compreender quais são as necessidades da população alvo, além de ser uma etapa importante para o planejamento ou readequação de uma intervenção (ABREU *et al.*, 2015). Na presente pesquisa, essa avaliação foi importante na encontrar temas de interesse dos profissionais de educação e das habilidades sociais que seriam implementadas nas oficinas. Nessa direção, em relação à pergunta a **pergunta 10** - "Na sua experiência, que prática pedagógica contribui positivamente para construção de uma cultura de paz?" foram obtidas 223 respostas. A partir da nuvem de palavras pode-se perceber, segundo a **Figura 1**, alguns aspectos mais evidenciados, tais como as palavras **projetos** ("*Projetos que nos quais os alunos participem ativamente de sua construção*"; "*Projetos que envolvam toda Comunidade Escolar, como rodas de conversa, palestras, filmes...*"), **diálogo** ("*O diálogo constante sobre temas transversais*"; "*Muito diálogo e atividades pedagógicas que abordam a construção de uma convivência tolerante e harmônica*"), **atividades** ("*Teatro e atividades colaborativas*"; "*Atividades que conscientizem os alunos da necessidade de respeito*"), **respeito** ("*Fomentar o diálogo acerca de respeito e condutas no ambiente escolar*"; "*O trabalho com projetos o respeito às diferenças*") e **empatia** ("*Promoção de escuta ativa, gerenciamento de conflitos com empatia e desenvolvimento de projetos direcionados à gentileza, respeito ao outro, etc.*"; "*Campanhas cujas temáticas abracem assuntos como empatia, respeito, solidariedade e cooperação*").

Tais resultados mostraram que os participantes observaram a relevância de ações para o fomento de cultura de paz, como foi evidenciado no estudo de ABREU (2023), que identificou meios para a formação do educador pacifista em sua atuação nas escolas. A autora propõe, por exemplo, o entrelaçamento dos conhecimentos das disciplinas com temas transversais para enriquecer o processo de ensino aprendizagem. Dentre esses, destaca-se a convivência ética, empática, democrática com espaços de diálogos, o aprendizado de manejo de conflitos, escuta ativa e comunicação não-violenta. Alinhado

aos achados do presente estudo, OLIVEIRA *et al.* (2024) ressaltaram a importância de atividades e projetos que envolvam toda a escola e que proporcionem espaços de fala e expressões das opiniões dos alunos, objetivando a sua consideração na implementação das ações. Assim, destaca-se que a cultura de paz enquanto um processo de diálogo e escuta sensível deve ser promovida nas escolas como meios imprescindíveis para construção de uma convivência pacífica.

Em relação à **pergunta 11** - "Na sua experiência, que prática pedagógica contribui positivamente para promover a saúde mental na escola?" foram obtidas 224 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, pode-se perceber, segundo a **Figura 1**, algumas palavras frequentes, como **palestra** ("*... Palestras com pessoas da área de saúde*"; "*Propor atividades, palestras e oficinas que tratem das temáticas de saúde mental...*"), **projeto** ("*Projetos envolvendo a comunidade escolar*"; "*Projetos em que os alunos foram protagonistas*"), **escutar** ("*... Os professores desenvolverem a escuta ativa com seus alunos...*", "*A escuta ativa, o estímulo ao diálogo. Desenvolver projetos que priorizem as relações interpessoais*"), **conversa** ("*Conversa informal, relacionamento de respeito e amizade, projetos que contribuam com a aproximação do aluno na escola*"; "*Rodas de conversas onde os alunos podem falar de suas experiências e compartilhar angústias*") e **aluno** ("*Projetos que demonstrem as fragilidades do dia a dia, os prejuízos causados pela ausência de diálogo, empatia e principalmente a participação de pais e responsáveis na rotina dos alunos, momentos de reflexão*"; "*Ações que envolvem os alunos, familiares...*"). Os achados revelaram que os professores perceberam a sua influência na saúde mental dos alunos, sinalizando a importância do diálogo, da escuta ativa e de projetos que envolvam a comunidade escolar e as famílias. Alinhados a esses resultados, FERREIRA *et al.* (2016) e SERQUEIRA *et al.* (2022) ratificam a importância da realização de intervenções para desenvolver habilidades sociais com alunos e professores, destacando que o repertório de tais habilidades está relacionado com ajustamento psicossocial, qualidade de vida e competência acadêmica, sendo considerado como fator de proteção no ambiente relacional da escola. Destaca-se que a qualidade de vida escolar dos estudantes é influenciada por suas relações interpessoais (por exemplo, família, professores e pares) e que intervenções positivas nesses ambientes relacionais são relevantes para promoção da saúde mental (BACTASA; SUMANDE, 2021).

Diante da **pergunta 12** "O que você espera aprender ou desenvolver com as oficinas?" foram obtidas 213 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, notou-se

alguns aspectos mais frequentes, segundo a **Figura 1**, como **práticas** ("*Práticas que me auxiliem a lidar com situações de conflitos, estresse, falta de estímulo*"; "*Criar práticas para desenvolver ações no combate a violência*"), **novas** ("*Novas técnicas que podem nos auxiliar no dia a dia*"; "*Novas Metodologias*"), **conhecimentos** ("*Maior aprofundamento dos temas que serão abordados para adquirir conhecimentos que possam auxiliar na condução das diferentes situações do cotidiano escolar*"; "*Reunir conhecimentos e reflexões que possam nos orientar a lidar com conflitos, cultivar a empatia e promover um ambiente escolar mais acolhedor*"), **paz** ("*Uma forma de ensinar o aluno a buscar paz interior*"; "*Compreender melhor a relação entre saúde mental e a cultura de paz*") e **como** ("*Como orientar as escolas a lidar com a violência, levando uma cultura de paz*"; "*Como lidar com situações que requerem mediação de conflitos ou casos relacionados à saúde mental*"). Os relatos dos profissionais da educação, assim como encontrado na literatura, demonstraram que é importante ensinar habilidades socioemocionais aos educadores para promover práticas pedagógicas assertivas que impactem positivamente a qualidade das relações interpessoais na escola, contribuindo para um ambiente relacional mais positivo (CINTRA; DEL PRETTE, 2019; SERQUEIRA *et al.*, 2022; ROSIN-PINOLA *et al.*, 2017).

Na **pergunta 13** "Descreva as maiores dificuldades vividas por você ao orientar alguma escola na condução de uma situação desafiadora, envolvendo saúde mental e/ou violência", foram obtidas 222 respostas. Por meio da análise da nuvem de palavras, verificou-se, segundo a **Figura 1**, as seguintes palavras com mais frequência: **falta** ("*Resistência à mudança, falta de treinamento dos professores, falta de apoio institucional, desconexão entre o colégio e a comunidade, falta de tempo, currículos sobrecarregados e falta de recursos materiais apropriados, formações*"; "*A falta de suporte no momento de uma situação desafiadora, a quem recorrer, a quem encaminhar quando necessário*"); **dificuldade** ("*As maiores dificuldades são com relação a violência física e ou verbal*"; "*A maior dificuldade é o acesso aos órgãos de apoio, seria importante a existência de um setor central ao qual nos reportássemos, e que nos indicasse a melhor forma de condução*"); **não** ("*O aluno não respeita as regras da escola, agressão verbal, física, não respeita hierarquia*"; "*A maior dificuldade é não ter profissionais preparados na escola para lidar com saúde mental...*"); **aluno** ("*Alunos com posturas agressivas*").

porque só conhecem esse tipo de atitude em casa"; "Alunos com autoestima baixa, falta de estrutura familiar, problemas psicológicos"); escola ("A violência no entorno da escola"; "A falta que as escolas tem em possuir profissionais capacitados para tratar alguns temas como saúde mental"). Desse modo, foi possível perceber que os profissionais da educação informaram dificuldades nas relações e violências interpessoais que ocorrem no cotidiano escolar, da mesma forma como observado na literatura prévia (BOFF; ZULIANELO, 2021; SERQUEIRA *et al.*, 2022). Isso demonstra a importância de os professores aprenderem competências não acadêmicas para lidarem com esses enfrentamentos de forma competente, desenvolvendo habilidades socioemocionais que podem promover ações e relacionamentos mais saudáveis e produtivos com as demais pessoas (SERQUEIRA *et al.*, 2022; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2022; ROSIN-PINOLA *et al.*, 2017).

Desse modo, os resultados obtidos na **Figura 1**, referentes à avaliação de necessidades, contribuíram para a identificação de lacunas e recursos para o desenvolvimento dos temas que foram utilizados no planejamento das oficinas. Assim, foram elaboradas atividades com profissionais da educação com o tema principal “Promovendo a Saúde Mental e a Cultura de Paz nas Escolas”, a fim de trabalhar assuntos que se destacaram e permeiam a vivência das escolas, sendo os escolhidos bullying, violências interpessoais como racismo, LGBTfobia, gordofobia e as violências autoprovocadas. Assim, a implementação das oficinas foi alinhada à proposta do Plano de Ação em Saúde Mental 2015-2020, proposto pela Organização Pan Americana de Saúde, que evidenciam a importância do investimento em ações que contribuam com relações interpessoais saudáveis com foco na prevenção do suicídio.

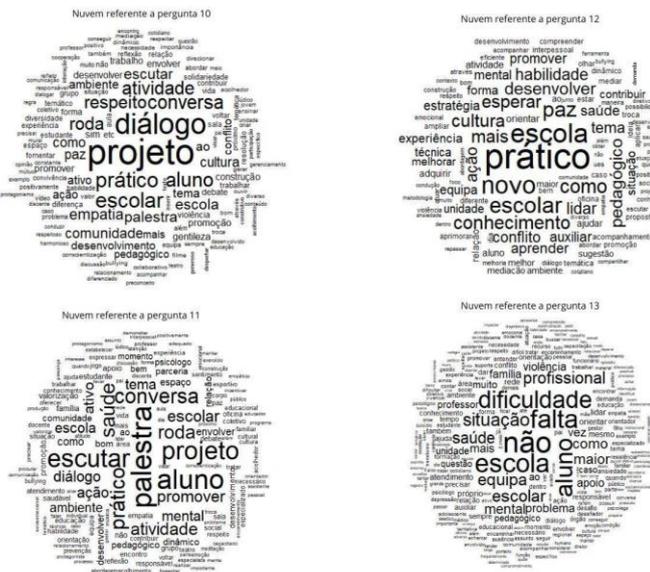


Figura 1. Nuvens de palavras resultantes da análise do formulário de inscrição e avaliação de necessidades

Avaliação das atividades desenvolvidas nas oficinas

Na oficina 1, em relação à análise da questão ("Eu gostei de..."), da **ficha de avaliação da oficina**, foram obtidas 123 respostas. A partir da nuvem de palavras, pode-se perceber, segundo a **Figura 2**, alguns aspectos mais evidenciados, tais como as palavras **tema** ("De todo o conteúdo. Destaco o tema da Cultura da Paz nas escolas."; "Troca de experiência sobre o tema."), **assunto** ("Todos os tópicos foram importantes para um novo olhar para atuar num eixo de prevenção."; "Da iniciativa de tratar o assunto na perspectiva de um grupo de pesquisa.") e **muito** ("É enriquecedor as informações compartilhadas durante a oficina. Contribui muito para o nosso dia a dia na escola."; "Gostei muito das Habilidades Sociais."; "Uma temática muito apropriada ao nosso contexto.").

Em relação a avaliação da questão "Da próxima vez eu acho que vocês deveriam ...", foram obtidas 94 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, observou-se, segundo a **Figura 2**, que as palavras mais evidenciadas foram: **mais** ("Dar mais exemplos práticos de atitudes."; "Atividades que proporcionem mais interação."; "Ter mais encontros como esse."), **nada** ("Não tenho nada a reclamar."; "Tudo excelente, nada a declarar.") e **não** ("Ocorrer em datas melhores, não ocorrendo conflitos de agenda.";

“Focar em como devemos fazer com que o aluno que sofre o Bullying se erga, saiba sair de situações. Que não seja o coitado.”).

No que se refere a afirmação “A partir do que aprendi eu vou...”, foram obtidas 101 respostas. A partir da nuvem de palavras, constatou-se, segundo a **Figura 2**, alguns termos que mais se repetem, tais como **mais** (*“Exercitar mais minhas habilidades sociais.”*; *“Observar com mais atenção às reações das pessoas diante de certas situações consideradas brincadeiras.”*), **prática** (*“Enriquecer o meu discurso a fim de realizar práticas mais exitosas relacionadas à temática abordada nesse encontro.”*; *“Aprimorar cada vez mais minha prática profissional e minha capacidade de influenciar os profissionais escolares ligados às temáticas ligadas às violações e violências no ambiente escolar.”*) e **escolas** (*“Fomentar mais ainda a cultura de paz nas escolas”*; *“Me sinto preparada para dar suporte às equipes escolares na proposta por uma cultura de paz nas escolas.”*).

A partir das análises dos resultados apresentados anteriormente foi possível perceber que, em sua maioria, os participantes gostaram e reconheceram a pertinência do tema abordado na oficina 1, sobre o trabalho da Cultura de Paz frente às violências interpessoais nas escolas. De modo geral, os relatos dos profissionais de educação evidenciaram ganhos no autoconhecimento, busca por estratégias coletivas para o enfrentamento assertivo de situações de violência nos espaços educativos e expansão de conhecimentos sobre habilidades sociais. A oficina, como espaço para trocas e conhecimentos, mostrou-se satisfatória e eficaz para construção de uma cultura da paz no ambiente escolar, incentivando diálogos e práticas assertivas a fim de mitigar violências interpessoais. Além disso, os resultados indicaram comportamentos de risco dos alunos que devem ser monitorados e avaliados com cuidado. Esse aspecto foi ressaltado na pesquisa de Shelley *et al.* (2009) como um desafio, quando apenas 15% dos professores que participaram da pesquisa sobre reconhecimento de comportamentos de alto risco em jovens conseguiram identificar possíveis condutas que podem ter consequências negativas tanto para o indivíduo quanto para sociedade. Assim, os profissionais da educação que se dedicaram a responder a avaliação da oficina 1, demonstraram interesse por mais momentos de trocas de experiências com exemplos práticos como foi apresentado nesse encontro. Cabe destacar que, dentre os assuntos abordados, os relatos sobre a prevalência de bullying como um fenômeno recorrente e preocupante nas escolas, foram mais uma vez evidenciados, assim como encontrado na literatura (ORIQUE *et al.*, 2024). Os relatos da

“Manter a dinâmica proposta, está ótima.”); **não** (*“Não se aplica.”*; *“Trazer também caminhos para acolhimento ao professor, que está adoecendo diante de demandas que ele não consegue resolver.”*).

No que se refere a afirmação *“A partir do que aprendi eu vou...”*, foram obtidas 62 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, constatou-se, segundo a **Figura 3**, alguns termos que mais se repetem, tais como: **mais** (*“Aprimorar cada vez mais minhas relações interpessoais.”*; *“Me dedicar muito mais ao relacionamento entre aluno-professor e aluno-aluno.”*); **melhorar** (*“Melhorar minhas perspectivas de atuação.”*; *“Melhorar a forma como lido com as situações que norteiam o tema.”*); **continuar** (*“Continuar agindo com empatia e inteligência emocional para agregar valor ao meu redor, seja no trabalho ou nas relações pessoais”*; *“Continuar assimilando o máximo que puder para a minha prática ser cada vez mais eficaz.”*).

As avaliações da **oficina 2** foram em sua maioria positivas, uma vez que os assuntos abordados se mostraram relevantes e aplicáveis nas interações diárias no cotidiano escolar. Além disso, os participantes demonstraram o desejo de atividades adicionais com conteúdo similares. Por meio da abordagem de temas associados à observação, atenção, escuta ativa e demonstração de interesse genuíno pelos outros, compreensão de vários pontos de vista e apreço pela diversidade, por exemplo, foi possível refletir sobre a importância da empatia na promoção de relacionamentos positivos no ambiente educacional e na extensão a outros contextos. Nessa direção, a investigação conduzida por Bottaccioli *et al.* (2023) ilustra que a implementação de programas de educação emocional nas escolas está associada positivamente com a competência emocional, as habilidades de enfrentamento e o desenvolvimento da empatia dos estudantes, influenciando, conseqüentemente, o ambiente escolar mais amplo.

No que diz respeito a **oficina 3**, a análise da questão afirmativa (*“Eu gostei de...”*) da **ficha de avaliação da oficina**, foram obtidas 103 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, pode-se perceber, segundo a **Figura 4**, alguns aspectos mais evidenciados, tais como as palavras **experiências** (*“Ouvir as experiências dos colegas, sobre o tema.”*; *“Troca de experiências principalmente a fala da diretora”*), **tema/temas** (*“Acompanhar as discussões sobre o tema de hoje e da possibilidade de refletir sobre elas.”*; *“Tema muito relevante e as contribuições foram o ápice, pois trouxe questões práticas e vivências, mostrando que é possível, desde que a empatia seja movida por compaixão. Atitudes que transformam.”*) e **ouvir** (*“Ouvir situações reais e identificar com*

atitudes parecidas vivenciadas por mim enquanto educadora.”; “Ouvir sobre o tema da sexualidade e gênero.”).



Figura 3. Nuvens de palavras resultantes da ficha de avaliação da oficina 2

Em relação a avaliação da questão sugestiva "Da próxima vez eu acho que vocês deveriam ...” foram obtidas 73 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, observou-se, segundo a **Figura 4**, que as palavras mais evidenciadas foram: **mais** (“*Cuidar um pouco mais da gestão do tempo, os temas são ótimos.*”; “*Abordar a legislação de proteção existente para esse público, lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer e mais.*”); **continuar** (“*Continuar na mesma frequência de exposição das palestras*”; “*Continuar trazendo temas importantes e interessantes.*”); **escola** (“*Ampliar para as equipes das escolas.*”; “*Sempre trazer depoimentos das pessoas que estão no dia a dia da escola.*”).

No que se refere a afirmação “A partir do que aprendi eu vou...”, foram obtidas 81 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, constatou-se, segundo a **Figura 4**, alguns termos que mais se repetem, tais como: **mais** (“*Observar mais para ter atitudes mais assertivas.*”; “*Ser mais empático e tentar de forma verdadeira me colocar no lugar do meu semelhante.*”); **escolas** (“*Replicar isso nas minhas escolas e na vida.*”; “*Reafirmar junto às escolas de manter as ações de prevenção.*”); **melhor** (“*Ampliar com leituras para sempre melhorar minha atuação.*”; “*Identificar melhor as situações de preconceitos e tentar levar à escola a uma reflexão sobre a importância do seu comportamento diante dessas problemáticas dentro de suas atribuições, quais órgãos e pessoas competentes que*

precisamos acionar para intervir e ajudar o indivíduo e, conseqüentemente, toda escola, foi muito enriquecedor o encontro, equipe está de parabéns.”).

Por meio dos relatos dos participantes, percebeu-se que a maioria considerou os assuntos abordados na terceira oficina satisfatórios e tiveram suas expectativas amplamente atendidas. A partir do foco de trabalho em preconceitos e discriminações nas escolas, a maioria dos profissionais relataram como pertinente em suas práticas os assuntos trabalhados. Esse tipo de oficina se mostra adequada na formação dos profissionais, porque, segundo Araújo *et al.* (2021), os professores demonstraram não compreender totalmente a extensão da prática de bullying, dificultando, assim, o combate dentro das escolas de uma forma eficaz. Levando em consideração as respostas mais frequentes é possível compreender que os profissionais valorizam a troca de experiências com seus colegas, utilizando casos reais para debater saídas para a discriminação e preconceito nas escolas. O debate mostrou-se capaz de desenvolver o pensamento de que é possível mudar a realidade escolar ao tratar os casos, como mostra a análise que aconteceu no Instituto Federal do Rio Grande do Norte, onde foi ressaltada a necessidade de políticas abrangentes de combate, assim como treinamento para os profissionais da educação para aumentar a conscientização sobre a questão (ARAÚJO *et al.*, 2021). Além disso, assim como na avaliação da oficina 1, os profissionais envolvidos se mostraram engajados no papel de colocar em prática os aprendizados a fim de promover um melhor ambiente de trabalho como mostra Ferreira *et al.* (2016). Sendo assim, compreender os fatores que estão envolvidos na discriminação e preconceito permitem encaminhar o manejo escolar de uma forma a não disseminar práticas violentas.

Na **oficina 4**, a análise da pergunta (“Eu gostei de...”) da **ficha de avaliação da oficina**, foram obtidas 106 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, pode-se perceber, segundo a **Figura 5**, alguns aspectos foram mais evidenciados, tais como as palavras **experiências** (“Das trocas de experiências.”; “Das interações do grupo e dos relatos de troca de experiências.”), **troca** (“Da maneira como as trocas de experiência aconteceram, das pautas escolhidas para os encontros.”) e **abordados** (“Gostei muito da dinâmica e dos assuntos abordados.”).

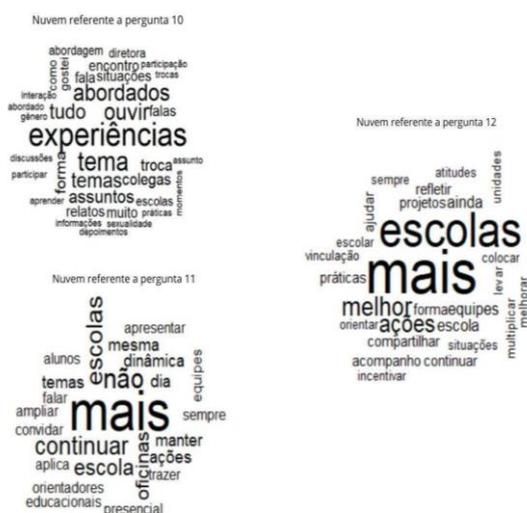


Figura 4. Nuvens de palavras resultantes da ficha de avaliação da oficina 3

Em relação a avaliação da questão sugestiva “Da próxima vez eu acho que vocês deveriam...”, foram obtidas 65 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, pode-se perceber, segundo a **Figura 5**, que as palavras mais evidenciadas foram **mais** (“Fazer mais dias de oficinas.”; “Aprofundar mais as trocas de experiências.”), **continuar** (“Continuar com a mesma qualidade do trabalho apresentado.”; “Continuar com abordagens nesse sentido, nunca é demais.”) e **encontros** (“Encontro presencial.”; “Aumentar o tempo dos encontros”).

No que se refere a afirmação “A partir do que aprendi eu vou...”, foram obtidas 79 respostas. A partir da análise da nuvem de palavras, constatou-se, segundo a **Figura 5**, os aspectos mais frequentes, como **mais** (“Cuidar mais da minha saúde mental.”; “Me sentir mais capaz para os enfrentamentos e busca de soluções dos problemas vivenciados nas escolas.”), **aplicar** (“Aplicar nas escolas que tenho vinculação.”; “Procurar aplicar as aprendizagens das oficinas.”), **prática** (“Tentar colocar em prática no meu cotidiano.”; “Colocar em prática para ajudar quem precisa.”) e **escolas** (“Procurar acolher os professores e os orientar para compreender a importância de estabelecer uma cultura de paz dentro das escolas.”; “Me sentir mais capaz para os enfrentamentos e busca de soluções dos problemas vivenciados nas escolas.”).

Os resultados revelaram que mais da metade dos interlocutores sentiu-se satisfeita com o encontro e julgou pertinente a natureza dos temas abordados. Tais apontamentos demonstraram-se alinhados a pesquisas prévias (CINTRA; DEL PRETTE, 2019;

SERQUEIRA *et al.*, 2022), que enfatizam a importância do desenvolvimento de habilidades de interação social e técnicas de enfrentamento de conflitos enquanto um caminho possível na promoção dos fatores de proteção à vida nas escolas (FEITOSA, 2014; BORTOLATTO *et al.*, 2021). A gordofobia e o capacitismo constituíram-se enquanto assuntos centrais da oficina, devido a sua alarmante presença no cotidiano escolar. Esses achados reforçam a observação feita por Souza e Gonçalves (2022), no que tange à necessidade de se debater as representações sociais e os discursos que assolam a saúde mental desses grupos minoritários. As instruções pacifistas foram identificadas pelos profissionais como potenciais instrumentos no manejo das problemáticas escolares, tal como indicam os estudos de Abreu (2023) e Oliveira *et al.* (2024), destacando a importância da proximidade estabelecida entre os educadores e os saberes não acadêmicos.

As falas dos entrevistados também declaram a aprovação dos métodos utilizados, bem como o interesse no aprofundamento e continuidade das atividades. Assim, tanto as conexões estabelecidas quanto às experiências compartilhadas, demonstraram-se dispositivos essenciais na elaboração de práticas pedagógicas, como evidenciado nas pesquisas de Rosin-Pinola *et al.* (2017) e Serqueira *et al.* (2022), contribuindo para a manutenção de um meio mais assertivo e favorável, do ponto de vista do profissional da educação. As sugestões de temas e ideias a serem retomados em possíveis encontros futuros, indicou a efetividade prevista na articulação entre a equipe pedagógica e os psicólogos. Tais observações reiteram a urgência da adoção de um olhar aplicado aos educadores, tendo em vista a notável necessidade de cuidados que compõem a realidade desses trabalhadores nas escolas (ABREU, 2023; SERQUEIRA *et al.*, 2022). Por fim, observou-se relatos nos quais os profissionais alegaram um aumento de seus repertórios relacionais, constatando sentirem-se mais capazes de converter os aprendizados em ações práticas no cotidiano. De fato, Bortolatto *et al.*, (2021) chamam atenção para os benefícios dos treinamentos em habilidades e competências sociais na prática educacional, apontando-os enquanto instrumentos indispensáveis na difusão da cultura de paz nas escolas. Esses resultados, portanto, sustentam a potencialidade e a influência viabilizadas pela articulação desses conhecimentos teórico-práticos na realidade dos trabalhadores nas escolas (ABREU, 2023; CARNEIRO; LIMA, 2022).

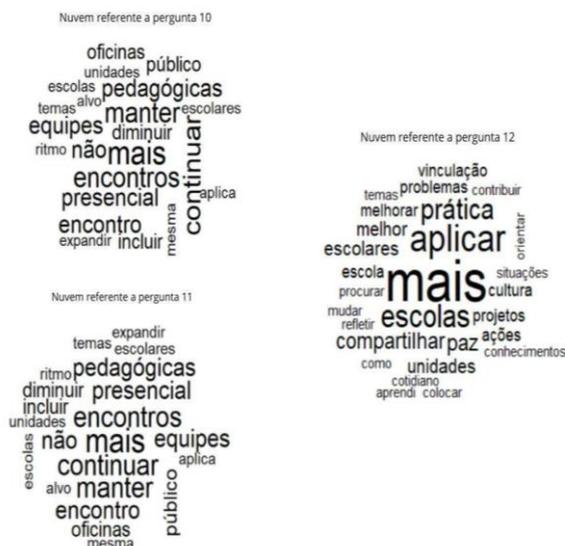


Figura 5. Nuvens de palavras resultantes da ficha de avaliação da oficina 4

No tocante a assiduidade dos participantes, a primeira oficina teve uma presença bastante alta, pois dos 225 inscritos, 197 (87,5%) estiveram presentes. Notou-se uma leve queda na assiduidade na segunda oficina (191 profissionais, 84,9%). A terceira oficina foi a que teve a maior taxa de presença (214 pessoas, 95,1%). Na última oficina, a presença foi novamente alta, com a participação de 203(90,2%) profissionais. A terceira oficina destacou-se com a maior taxa de participação. Isso pode indicar um interesse crescente ao longo dos encontros ou uma maior relevância percebida pelos participantes sobre o tema trabalhado na terceira oficina, que se referiu sobre preconceitos e discriminação nas escolas. De modo geral, os dados mostraram um comprometimento significativo dos inscritos com a oficina, evidenciado pelas altas taxas de presença em todas as sessões.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as contribuições da pesquisa, destaca-se que os aspectos teóricos e práticos das habilidades sociais foram explorados e integrados a temas abrangentes, anteriormente identificados por meio da avaliação de necessidades, incluindo violências interpessoais como bullying racismo, LGBTfobia, gordofobia e as violências autoprovocadas. Ao tratar desses temas, o estudo abriu espaço para discussões necessárias e muitas vezes negligenciadas no ambiente escolar. Isso incentiva a criação de uma cultura de paz e respeito nas escolas. Assim, as oficinas atuaram na promoção de habilidades sociais entre

os profissionais da educação, oferecendo ferramentas para enfrentar violências interpessoais e autoprovocadas. Isso é fundamental para criar um ambiente escolar mais saudável e seguro. As oficinas tiveram uma excelente participação. De modo geral, os relatos dos profissionais de educação evidenciaram ganhos no autoconhecimento e pensamento reflexivo, expansão do conhecimento em habilidades sociais e satisfação com as atividades, além de valorizar o uso de metodologias colaborativas e proativas para enfrentar os casos de violência nas escolas. Observou-se também a importância de aumentar a conscientização por meio de atividades envolvendo a comunidade escolar, a fim de fortalecer redes de apoio, prevenção, proteção, enfrentamento e atenção às diversas formas de violência que ocorrem nesses ambientes. Nesse sentido, as atividades das oficinas contribuíram para a identificação da rede intersetorial de serviços públicos em saúde mental, desempenhando um papel significativo para que outras iniciativas e ações, como intervenções, possam ser implementadas com adesão. Por fim, as oficinas mostraram-se um recurso de baixo custo para engajar os profissionais e promover uma reflexão aprofundada sobre temas essenciais para a convivência escolar e a saúde mental.

Um dos limites dessa investigação diz respeito à metodologia transversal que impossibilita o acompanhamento dos profissionais de educação, após a participação nas oficinas. Além disso, a amostra foi escolhida por conveniência e os dados coletados só ocorreram com profissionais de educação de instituições públicas, de uma região do Brasil. As oficinas foram realizadas online, o que pode ter limitado a interação e o engajamento dos participantes em comparação com encontros presenciais. Nessa mesma direção, futuras pesquisas poderiam ser conduzidas de modo presencial, em instituições públicas e particulares para saber se há diferenças entre níveis socioeconômicos. Por fim, não foram coletados dados sobre o sexo dos participantes. As informações obtidas poderão orientar estratégias de promoção da saúde mental e prevenção de violência em contextos educacionais, ajudando a formular políticas públicas mais eficazes e direcionadas. Decerto, é urgente ampliarmos os espaços de discussão sobre relações interpessoais que causam sofrimento psíquico e danos à saúde mental em espaços educativos.

Financiamento: FAPERJ (No. E-26/210.011/2024) e CNPq (No. 33540014000157)

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Zilpa Helena Lovisi. Educação para a Paz como percurso para a formação da educadora e do educador pacifista. **Educação Unisinos**, v. 27. Universidade de Vigo, Campus Ourense, Espanha, 2023.

- AMARANTE, S. Violência escolar e possíveis estratégias de enfrentamento. **Portal Fiocruz**. Rio de Janeiro, 01 set. 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-escolar-e-possiveis-estrategias-de-enfrentamento>.
- ARAÚJO, A. S. F. et al. O cotidiano escolar e a percepção de professores sobre a prática de bullying e sua manifestação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 82, e268205, 2021. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782021000100203.
- ALVES, Flávia Jôse Oliveira; FIALHO, Erika; ARAÚJO, Jacyra Azevedo Paiva de; NASLUND, John A.; BARRETO, Maurício L.; PATEL, Vikram; MACHADO, Daiane Borges. The rising trends of self-harm in Brazil: an ecological analysis of notifications, hospitalisations, and mortality between 2011 and 2022. **The Lancet Regional Health - Américas**, v. 31, 2024, Artigo 100691. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.lana.2024.100691>. Acesso em: 04 jul. 2024.
- ANUNCIACÃO, L. L.; CARVALHO, R. C. D.; SANTOS, J. E. F.; MORAIS, A. C.; ALMEIDA, V. R. S. D.; SOUZA, S. D. L. Violência contra crianças e adolescentes: intervenções multiprofissionais da Atenção Primária à Saúde na escola. **Saúde em Debate**, v. 46, p. 201-212, 2023.
- BACTASA, M. F.; SUMANDE, C. T. Quality of school life for students diagnosed with depression: an exploratory study. **Psychology and Education**, v. 58, n. 1, p. 5488-5502, 2021.
- BOFF, D. S.; ZULIANELO, I. Desafios na gestão escolar: narrativas de diretores e coordenadores pedagógicos de escolas públicas. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, p. 2163-2177, 2021.
- CARNEIRO, Débora Sodrê Gonçalves; LIMA, Cláudia Araújo de. Depressão, suicídio e habilidades sociais no ensino médio nas escolas de Corumbá e Ladário. **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, v. 8. Vitória da Conquista, Brasil, 2021.
- CINTRA, A. B.; DEL PRETTE, Z. A. P. Características dos professores-cursistas, processo e resultados em programa semipresencial de habilidades sociais. **Psico-USF**, v. 24, n. 4, p. 711-723, 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712019240409>.
- CUI, N.; MA, H. Research on the influence of teachers' mental health on teaching quality. **Journal of Education, Humanities and Social Sciences**, v. 8, p. 2048-2054, 2023.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Social Competence and Social Skills: A Theoretical and Practical Guide** (English Edition). 1ª ed. Berlim, Alemanha: Editora Springer, 4 maio 2021.
- DERVINCHE, A. Dados mostram que oito em cada dez jovens já presenciaram atos de violência nas escolas. **Jornal da USP**, São Paulo, 28 jul. 2021.
- FERREIRA, F. R.; CARVALHO, M. A. G.; SENEM, C. J. Desenvolvendo habilidades sociais na escola: um relato de experiência. **Construção Psicopedagógica**, v. 24, n. 25, p. 84-98, 2016. Recuperado em 14 de maio de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100007&lng=pt&tlng=pt.

- FEITOSA, F. B. A depressão pela perspectiva biopsicossocial e a função protetora das habilidades sociais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 34, n. 2, p. 488-499, 2014. doi:10.1590/1982-3703000992013.
- IVENICKI, A. A escola e seus desafios na contemporaneidade. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 27, n. 102, p. 1-8, 2019. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362018002700001>.
- LEME, Vanessa Barbosa Romera et al. Habilidades sociais e prevenção do suicídio: relato de experiência em contextos educativos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, 2019, p. 284-297.
- MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS E DA CIDADANIA - MDHC. Relatório anual sobre violência nas escolas. Brasília, DF, 2023.
- MOREIRA, A. **Racismo Recreativo: Feminismos Plurais**. 1. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- NERIM, M. I.; MIRANDA, M. L. D. Fatphobia and the polemic “romanticization of obesity” through the eyes of Brazilian high school students. **Educere et Educare**, v. 18, n. 45, p. 455-464, 2023.
- OUVIDORIA NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS - ONDH. **Relatório de violações escolares no Brasil**. Brasília, DF, 2023.
- OLIVEIRA, D. N. de; PAIXÃO, A. C. de C.; BRITO, W. R. de O. Educação para a vida: promoção da paz no ambiente escolar. **Revista JRG de Estudos Acadêmicos**, Brasil, São Paulo, v. 7, n. 14, p. e14925, 2024. DOI: 10.55892/jrg.v7i14.925. Disponível em: <https://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/925>. Acesso em: 5 jul. 2024.
- ORIQUE, S. D. de L. S.; HAMMES, L. J.; MOITA, E. A incidência de bullying na escola pública e o papel da gestão no enfrentamento da violência. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 1030–1046, 2021. DOI: 10.15536/reducarmais.5.2021.2586. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/2586>. Acesso em: 5 jul. 2024.
- PAULA, L. D. D.; BRANCO, A. U. Deconstructing prejudice in schools: the role of dialogical practices. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 39, p. e200216, 2022.
- ROSIN-PINOLA, A. R.; DEL PRETTE, Z. A. P. Inclusão escolar, formação de professores e a assessoria baseada em habilidades sociais educativas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 3, p. 341-356, 2014.
- ROSIN-PINOLA, A. R.; MARTURANO, E. M.; ELIAS, S. C. S.; DEL PRETTE, Z. A. P. Ensinando habilidades sociais educativas para professores no contexto da inclusão escolar. **Revista Educação Especial**, v. 30, n. 59, p. 737-750, 2017. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28430/pdf>.
- SERQUEIRA, A. P.; LEME, V. B. R.; QUITERIO, P. L.; ACHKAR, A. M. N. E. Programa de Habilidades Sociais e Educativas com Professores do Ensino Fundamental. **Psico-USF**, v. 27, p. 87-97, 2022.
- SHELLEY, A.; CRAWFORD, N.; CALTABIANO, N. The School Professionals' Role in Identification of Youth at Risk of Suicide. **Australian Journal of Teacher Education**, v. 34, n. 2, p. 28-39, 2009. DOI: 10.14221/AJTE.2009V34N2.3.
- SOJA SANTOS, L. M.; WESNER, A. C.; ALGERI, S.; ZARTH, S. M. Knowledge of teachers about suicidal behavior in adolescents. *Investigación y educación en enfermería*, v. 40, n. 2, 2022.

- SOUZA, V. C. S.; GONÇALVES, J. P. Gordofobia, bullying e violência na escola: um estudo em representações sociais com pré-adolescentes. **Eccos Revista Científica**, v. 60, n. 1, 2022.
- SOUZA, V. C. S.; GONÇALVES, J. P. Investigação sobre gordofobia: estado do conhecimento em teses e dissertações. **Interfaces da Educação, Paranaíba**, v. 11, n. 31, p. 363-387, 2020. Disponível em:
<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/3635>.
- VIEIRA-SANTOS, J.; PEREIRA DEL PRETTE, Z. A.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais educativas: revisão sistemática da produção brasileira. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 36, n. 1, p. 45-63, 2018.
- WANG, P.; LI, C.; BELLA-FERNÁNDEZ, M.; MARTIN-MORATINOS, M.; BLASCO-FONTECILLA, H. Traditional bullying and cyberbullying in the digital age and its associated mental health problems in children and adolescents: a meta-analysis. **Springer, Alemanha**, p. 1-15, 31 dez. 2022.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **Suicide worldwide in 2019: Global Health Estimates**. Geneva, 2019. Disponível em:
<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>.